

MISTÉRIO E FASCÍNIO: UMA LEITURA DO FANTÁSTICO NO CONTO “A MÁQUINA EXTRAVIADA”, DE JOSÉ. J. VEIGA

Michelle da Silva LIMA

Francisco Vieira da SILVA

Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Resumo: O presente trabalho reflete acerca da presença do fantástico no conto “A máquina extraviada” (1967), de José. J. Veiga, atentando para os elementos que determinam o estranhamento no leitor, a partir do comportamento inusitado dos moradores de um vilarejo diante de uma máquina inoperante que surge na frente da prefeitura da pequena cidade, cuja funcionalidade não se tem conhecimento. Na obra, a máquina simboliza o impacto da tecnologia naquele ambiente, pois há um conflito de culturas: a do universo interiorano que se deixa influenciar pela cultura do novo representada pelo progresso. Dessa forma, a estranha máquina torna-se objeto de adoração e até milagres lhe são atribuídos; o artefato muda as conversas e os hábitos da cidadezinha, de modo que tudo o que acontece de importante é festejado aos pés da máquina. Na referida narrativa construída numa atmosfera fantasiosa e absurda, encontramos uma linguagem simples, irônica e metafórica ao mesmo tempo em que reflete, essencialmente, sobre o contexto histórico da década de 60 que foi marcada por diversas transformações políticas, econômicas e sociais. Nesse sentido, evidenciamos como é instaurada a esfera fantástica no conto supracitado; assim, destacamos como aspectos relevantes a curiosidade, o suspense e a hesitação do leitor diante dos acontecimentos estranhos que conduzem o enredo.

Palavras-chave: Máquina extraviada. Fantástico. Estranhamento.

MYSTERY AND ALLURE: A READING OF THE FANTASTIC IN THE TALE "A MÁQUINA EXTRAVIADA", OF JOSÉ .J. VEIGA

Abstract: The present work reflects about the presence of the fantastic in the short story "A máquina extraviada" (1967), José J. Veiga, paying attention to the elements that determine the estrangement in the reader, from the unusual behavior of the residents of a village on a dead machine that appears in front of the Town Hall of the small town, whose functionality not known to exist. In the work, the machine symbolizes the impact of technology on the environment, because there is a clash of cultures: the universe which influenced provincial by the new culture represented by progress. Thus, the strange machine becomes object of worship and miracles are assigned; the artifact will change the conversations and the habits of the little town, so that everything that happens is important is feted at the feet of the machine.

211

Revista CAMINHOS EM LINGUÍSTICA APLICADA, Volume 17, Número 3, 2º sem 2017.

Michelle da Silva LIMA e Francisco Vieira da SILVA, MISTÉRIO E FASCÍNIO: UMA LEITURA DO FANTÁSTICO NO CONTO “A MÁQUINA EXTRAVIADA”, DE JOSÉ. J. VEIGA.

p. 211-226.

Disponível em: <http://periodicos.unitau.br/ojs-2.2/index.php/caminhoslinguistica> -- ISSN 2176-8625

In that narrative built in fanciful and absurd, we found a simple, ironic and metaphorical language while essentially reflects on the historical context of the 60 that was marked by several political, economic and social transformations. In this sense, it was shown as is established in the aforementioned tale; Thus, we highlight how relevant aspects the curiosity, the suspense and the hesitation of the reader in front of strange events that drive the plot.

Keywords: Machine misplaced. Fantastic. Strangeness.

MISTERIO Y ALLURE: A FANTASTIC LECTURA DEL CUENTO "A MÁQUINA EXTRAVIADA" JOSÉ J. VEIGA

Resumen: En este trabajo se reflexiona sobre la fantástica presencia en el cuento de "La máquina se había perdido" (1967), JJ Veiga, prestando atención a los elementos que determinan el extrañamiento en el lector, desde el comportamiento inusual de los habitantes de un pueblo en un máquina de muertos que viene delante del alcalde de la pequeña ciudad, cuya funcionalidad no tiene conocimiento. En la obra, la máquina simboliza el impacto de la tecnología en ese ambiente porque hay un conflicto de culturas: el mundo selva virgen que está influenciado por la nueva cultura representaba el progreso. Así, la extraña máquina se convierte en objeto de culto e incluso milagros se atribuyen; el dispositivo cambia la conversación y las costumbres de la ciudad, así que todo lo que sucede importante se celebra a los pies de la máquina. En ese relato construye un ambiente de fantasía y absurdo, nos encontramos con un lenguaje sencillo, irónica y metafórica, mientras que refleja principalmente en el contexto histórico de los años 60 que fue marcado por varias transformaciones políticas, económicas y sociales. En este sentido, hemos observado cómo estableció la fantástica esfera en el cuento antes mencionado; así que podemos destacar los aspectos curiosidad tan relevante, el suspenso y la vacilación del lector ante los extraños sucesos que impulsan la trama.

Palabras clave: máquina perdido. Fantástico. Extrañamiento.

1. COMENTÁRIOS INICIAIS

Quero deixar claro que não sou supersticioso. Não me deixo levar pelo delírio da imaginação. Para isso tenho uma boa educação e cultura acima do comum. E certa tendência contemplativa desenvolveu no meu espírito a capacidade de análise que me favorece distinguir, com nitidez, o falso do verdadeiro. Sou um cara consciente. Estou esclarecendo bem isso para que sintam, na incrível história que eu vou contar, a experiência positiva de um espírito livre de fantasias (POE, 2005, p.30).

As orientações céticas do narrador do conto *Manuscrito encontrado numa garrafa*, de Edgar Allan Poe, dispostas na epígrafe deste texto, sinalizam no sentido de levar o leitor a crer na autenticidade dos fatos narrados, os quais estão destituídas de fantasias, contados sob a ótica de um olhar perscrutador e fiel à “realidade”. Tais orientações, por outro lado, parecem garantir a verossimilhança dos acontecimentos inesperados e sensacionais, presentes no referido conto, de maneira a sugerir ao leitor que o “delírio da imaginação” não encontra lugar nesse modo de contar defendido pelo narrador. Essa denegação, por seu turno, faz funcionar a emergência e a constituição das narrativas fantásticas.

Nesse sentido, urge explicitar que tais narrativas sempre fizeram parte do imaginário humano. Os famosos contos de fadas dos irmãos Grimm e as grandes epopeias de Homero são exemplos prototípicos desse tipo de narrativa que tem como principal característica elementos mágicos e sobrenaturais. No entanto, esse gênero literário é pouco produzido no Brasil, apesar de no cenário sul-americano esse estilo ficcional ter ganhado contornos sólidos, a partir de autores como Júlio Cortázar e Gabriel Garcia Márquez (GAMA-KHALIL, 2014). No cerne da literatura brasileira, o fantástico surge no século XIX, na obra *Noite na taverna*, de Álvares de Azevedo, bem como no estranho modo de narrar de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, romance narrado por um defunto-autor. A partir do século XX, as narrativas de caráter fantástico, mais precisamente no gênero conto, surgem de forma mais efetiva, com os autores da chamada era moderna, como Guimarães Rosa, Lygia Fagundes Telles, Murilo Rubião, José J. Veiga, Moacyr Scliar, João Gilberto Noll, Almícar Bettega Barbosa, Ignácio de Loyola Brandão, entre outros.

As primeiras narrativas fantásticas visavam suscitar o medo e o espanto no leitor, apresentando monstros, vampiros, fantasmas, assombrações e lugares misteriosos, a exemplo das narrativas de Edgar Allan Poe. Porém, com o passar dos séculos, o fantástico foi, aos poucos, se preocupando com situações mais complexas, deixando de lado os acontecimentos assustadores, para então, preocupar-se com mítico e com as inquietações do ser humano diante dos avanços tecnológicos e científicos. A partir daí, as obras produzidas no século XX, para serem consideradas como pertencentes ao gênero fantástico, passaram a criar, no leitor, o efeito de surpresa, de estranhamento, ou mesmo de encantamento, de insólito (GARCIA, 2007).

Considerando essas discussões, este artigo apresenta uma leitura do conto “A Máquina Extraviada”, de José J. Veiga, no objetivo de discutir os efeitos do fantástico na construção da narrativa desse escritor goiano. Para tanto, tomamos os pressupostos teóricos de Rodrigues (1988) e Todorov (2007) que tratam das definições e características do fantástico. Do ponto de vista metodológico, este estudo segue um viés descritivo-interpretativo, cuja abordagem é eminentemente qualitativa, uma vez que objetivamos descrever a irrupção do fantástico no conto de José J. Veiga.

O trabalho está estruturado em duas partes: Na primeira parte, intitulada de *Breves considerações sobre os aspectos literários das obras de José J. Veiga*, refletimos acerca dos elementos característicos e estilísticos do autor, situando-o no contexto de sua produção literária. Na segunda parte, discutimos as nuances do fantástico em “A máquina extraviada”. Nessa seção, nosso olhar volta-se para a presença de elementos fantásticos no conto. Esses elementos responsáveis pela instauração do fantástico na obra objeto de estudo desenvolvem-se a partir do estranho comportamento dos personagens em torno da presença de uma máquina cuja funcionalidade não se tem conhecimento. Inseridos em uma atmosfera de mistério e fascínio os moradores do lugarejo passam a idolatrar o objeto. Convém ressaltar, portanto, que o fantástico predominante na narrativa veiguiana foge dos moldes do fantástico tradicional que tinha como elemento principal o aparecimento de fenômenos sobrenaturais.

2. BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE OS ASPECTOS LITERÁRIOS DAS OBRAS DE J. J. VEIGA

José Jacinto Pereira Veiga (José.J. Veiga) estreou na literatura no ano de 1959 com a publicação do primeiro livro de contos *Os cavalinhos de Platiplanto*, com o qual recebeu o prêmio Fábio Prado. Após publicar esse livro, Veiga não parou mais, de maneira que escreveu várias obras, dentre as quais podemos destacar: *A Hora dos Ruminantes* (1966); *A Estranha Máquina Extraviada* (1967) e *Sombra de Reis Barbudos* (1972).

Dada a simplicidade de sua linguagem, a fluência da narrativa e a singularidade dos enredos que arquiteta, José. J. Veiga tem sido elogiado pela crítica, que o considera um autor que retrata o sujeito do cotidiano, pois a sua língua é a do homem do interior, os seus temas derivam da terra, de sujeitos predominantemente interioranos. Todavia, José. J. Veiga não é

apenas um ficcionista empolgado pelo regionalismo. Sua produção literária estende-se, também, para o âmbito do fantástico, do misterioso e do absurdo. Por essa razão, a crítica considera que o livro de contos *A Estranha Máquina Extraviada* reflete a naturalidade de um espírito na posse de todos os seus recursos; suas experiências jogam perigosamente com elementos do realismo para tentar obter o insólito. Na obra supracitada, acontecimentos externos emergem como elementos invasores que são tratados como elementos maravilhosos, uma vez que as personagens apresentam quase os mesmos comportamentos das personagens das narrativas maravilhosas diante do estranho, encantando-se com o elemento desconhecido, na medida em que conseguem compreender o seu sentido.

As temáticas recorrentes nas obras de Veiga são marcadas pela relação de opressão, invasão, conflitos entre o tradicional e o moderno, o urbano e o rural. Ganham espaços nas narrativas veiguanas personagens como homens misteriosos, animais que invadem residências, máquinas capazes de fascinar todo um vilarejo, mesmo quando não se sabe nada sobre sua utilidade. Essas situações estranhas e absurdas constroem elementos importantes, capazes de colocar o leitor para refletir e questionar sobre os fatos narrados.

Souza (1987, p.14) pontua bem essa característica temática recorrente na obra de J. J. Veiga:

O tema da invasão é marcante na obra de J. Veiga. É por ele que se vê a quietude pessoal e coletiva, perante um tipo de peste que assola o espaço da gente do bem, que vivia sossegada, e, de repente se vê às voltas com um novo sistema, ao qual seu conhecimento não tem acesso. Esse invasor ora é representado simbolicamente por cachorros e bois, ora são estrangeiros [...].

Dessa forma, o escritor goiano introduz em suas narrativas a simplicidade, os costumes e comportamentos típicos de habitantes inseridos em pequenas cidades interioranas. No desenrolar das histórias, tudo parece calmo até que acontecimentos estranhos quebram a rotina e causam grandes agitações.

Nesse sentido, Veiga descreve mimeticamente em suas obras as paisagens do interior de Goiás, privilegiando os espaços rurais e povoados que se encontram em uma realidade bem

diferente das grandes metrópoles. As reflexões de Campedelli (1982, p.95) revelam bem esse aspecto:

O mundo que José J. Veiga traz para as páginas de seus livros retrata bem esse povo das “cidades miúdas”. Como ele fala. Povo que ainda não foi atingido em cheio pela dita civilização moderna e sequer ouviu falar em capitalismo. E, paradoxalmente, trabalha para ele: é esse povo que toca os latifúndios, planta a terra, tange o gado.

Nesse enfoque, Veiga aborda situações do cotidiano, mas com um toque inusitado. O desconhecido gera curiosidade, medo e deslumbramento diante do mundo ficcional no qual os personagens estão inseridos. Essa realidade inquietante é apresentada de forma implícita como denúncia social numa época em que o Brasil sofria com a dura repressão política. Os aspectos da denúncia social veiculados por essas obras referem-se aos decênios de 60 e 70, que foram marcados pela ditadura militar e pelos avanços tecnológicos e industriais.

Durante esse período, o Brasil foi atingindo negativamente pelo poder da ditadura no qual as perseguições e as opressões violentas reprimiram as manifestações políticas, sociais e culturais do país. Escritores, cantores, estudantes, políticos e anônimos, que se manifestavam contra essa dura realidade, foram presos, exilados e mortos. Para encobrir o cenário opressor, os ditadores defendiam a ideia de um Brasil em pleno desenvolvimento, devido aos avanços tecnológicos e industriais que enxertaram o país no ápice do progresso.

É nesse contexto que surge o conto “A máquina extraviada”, cuja temática denuncia a incapacidade do homem perante a rápida expansão industrial. Acerca desse tema, Rezende (2008, p. 138) destaca que:

Já na década de setenta, a história da máquina, que suga a força e os sonhos dos homens, é a metáfora da era industrial que vai pouco a pouco, substituindo os valores da raça humana e alienando a todos, para que se sobreponha o material sobre o espiritual.

No conto supracitado, J. J. Veiga utiliza o espaço de uma cidade interiorana como denúncia de uma sociedade perturbada pelo surgimento do novo, do desconhecido. Assim, o deslumbramento dos habitantes em torno do surgimento da máquina, que ninguém sabe ao

certo de onde veio, quem a encomendou e qual a sua funcionalidade, denuncia sobremaneira a sujeição do sujeito interiorano, inscrito num contexto bem diferente dos grandes centros urbanos e, portanto, alheio às transformações encetadas nesse espaço.

Essas diferenças existentes entre a cidade grande e a cidade interiorana são marcadas pelo acelerado desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e social, pois a rotina agitada e a rapidez com que as transformações ocorrem nos espaços metropolitanos divergem da tranquilidade e da simplicidade do interior, conforme retratadas na narrativa do escritor em foco, no que chamaríamos, na esteira de Shwartz (1981), de fusão do real com o irreal.

3. AS NUANCES DO FANTÁSTICO EM “A MÁQUINA EXTRAVIADA”

“A máquina Extraviada”, de José J. Veiga, faz parte do livro de contos *A estranha máquina extraviada*, cuja primeira edição data de 1967. O conto em questão é narrado em primeira pessoa e o enredo é construído em torno do aparecimento repentino de uma máquina que foi posta em frente à prefeitura de uma pequena cidade do interior.

O narrador, entusiasmado com a novidade que vem despertando a curiosidade de todos, relata o fato a um compadre por meio de uma carta. Sem saber ao certo quem a encomendou ou a que fim se destina, a insólita máquina tornou-se objeto de respeito e adoração dos habitantes da cidadezinha, pois todas as festividades locais passam a ser comemoradas em volta da estranha engenhoca. Não há dúvida de que a presença da máquina na cidade é motivo de orgulho, cada vez mais ela ocupa espaço e muda os hábitos das pessoas, com exceção do vigário que, na visão do narrador, é “a única pessoa que ainda não rendeu homenagem à máquina [...]” (VEIGA, 2008, p.93).

No conto, pode-se observar que o tempo e o lugar são indefinidos, uma vez que o episódio ocorreu em um pequeno vilarejo, um lugar à margem dos acontecimentos onde aparentemente nada acontece de relevante, de modo que a novidade desperta a atenção dos moradores da pequena cidade:

Você sempre me pergunta pelas novidades daqui deste sertão, e finalmente posso lhe contar uma importante. Fique o compadre sabendo que agora temos aqui uma máquina imponente que vem entusiasmando todo mundo. Desde que ela chegou aqui não me lembro quando, não sou muito bom de lembrar datas quase não temos falado em outra coisa; o da maneira que o povo aqui se apaixona até pelos assuntos mais infantis, é de admirar que ninguém tenha brigado ainda por causa dela, a não ser os políticos. (VEIGA, 2008, p.90).

Pode-se verificar que, no momento inicial, o narrador relata um evento importante ao compadre que parece está distante e insiste em saber das últimas novidades. A partir desse momento, ele vai descrevendo as diversas reações da população diante da máquina. Contudo, o narrador não participa diretamente dos fatos, uma vez que tenta se eximir do mesmo comportamento das pessoas do vilarejo diante da máquina, mas ele tenta se imiscuir nos acontecimentos e posturas dos moradores.

Entendemos que o conto “A Máquina Extraviada” se enquadra na literatura fantástica, pois todo o enredo é permeado por situações estranhas, como o comportamento absurdo dos personagens em relação à máquina; esse comportamento é o elemento principal para a instauração do fantástico. Nas palavras de Rodrigues (1988, p.90), “o termo fantástico [...] refere-se ao que é criado pela imaginação, o que não existe na realidade, o imaginário, o fabuloso”. Essas características definidas pela autora são próprias no universo ficcional criado por José J. Veiga.

Ao descrever, de forma fabular, um episódio ocorrido em um lugar não definido, o narrador atesta que os personagens, encantados pela máquina, passam a viver em um clima de mistério e fascínio diante desse artefato inoperante. Segundo o dicionário Houaiss (2001), fascínio é um sentimento ou sensação de profundo encanto, deslumbramento ou encantamento. É assim que as pessoas do pequeno vilarejo se sentem em relação à presença da máquina no lugar. De acordo com Bosi (1975, p.14), “o fantástico irrompe como intruso no ritmo cotidiano, e o evento novo que poderia soar apenas imprevisto e aleatório, passam a exercer a função de um processo inexorável na vida de um homem”.

A respeito do gênero fantástico, Rodrigues (1988, p.14) assinala que “a mais antiga forma de narrativa é a fantástica”. Nesse caso, é possível citar as lendas, os mitos, os contos populares e maravilhosos que eram contados oralmente e passados de geração a geração. Os recursos narrativos encontrados nesse gênero envolvem mistério, suspense, terror e magias.

Segundo Rodrigues (1988), o gênero fantástico passou por diversas transformações ao longo do tempo. No século XVIII, as narrativas apresentavam temas assustadores e sobrenaturais; no século seguinte, os temas passaram a englobar o psicológico, cujo objetivo era explorar as angústias humanas como a loucura; e a partir do século XX, o enredo fantástico é constituído através de elementos incoerentes e absurdos. Logo, o fantástico tornou-se importante no cenário da literatura contemporânea, devido aos problemas que o mundo moderno incutiram no homem. Dessa forma, há uma busca pela fantasia para discutir os conflitos do ser humano perante essas transformações.

Diante das discussões acerca do gênero fantástico, Todorov define o fantástico como sendo “a hesitação experimentada por um ser que só conhece a leis naturais, face a um conhecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2007, p. 31). De acordo com o teórico, a hesitação do leitor é fundamental para a existência do fantástico. Dentre tais proposições, o autor assinala que: “o fantástico implica, pois, uma integração do leitor no mundo das personagens; define-se pela percepção ambígua que tem o próprio leitor dos acontecimentos narrados” (TODOROV, 2007, p.37).

Nesse ponto, a narrativa fantástica objetiva causar no leitor a sensação de dúvida e incerteza e, ao mesmo tempo, suscitar curiosidades diante de um acontecimento incomum ou situação inexplicável. Para Todorov (2007, p. 100), “o fantástico produz um efeito particular sobre o leitor – medo, ou horror, ou simplesmente curiosidade –, que os outros gêneros literários não podem provocar”. Nessa perspectiva, a essência do fantástico é essencialmente a hesitação do leitor que se revela no momento da leitura. Assim como Todorov, Rodrigues (1988, p.31) destaca que “o fantástico se nutre dessa incerteza, dessa hesitação face a um acontecimento extraordinário”.

Baseando-se nas ideias expostas, observa-se que o fantástico, em Veiga, configura-se através de eventos estranhos e extraordinários. Ele rompe com o fantástico tradicional, cujos elementos predominantes são as aparições sobrenaturais e fantasmagóricas para adentrar em temas bem mais profundos e inquietantes ligados ao cotidiano do homem, ou seja, aos deslimites do mundo real.

Nesse aspecto, a máquina que surge misteriosamente no vilarejo aponta para a expansão industrial urbana e o avanço tecnológico. Contudo, causa estranhamento às pessoas que vivem naquele povoado em virtude de não conhecerem sua funcionalidade. O título do conto revela que a máquina foi extraviada, ou seja, o destino dela provavelmente não era aquela pequena cidade. Desse modo, um objeto considerado comum transforma-se em um elemento invasor cujo sentido pode representar o impacto causado pelo desenvolvimento industrial a um ambiente interiorano.

A respeito do ambiente, Bosi (1975) destaca que a ambientação interiorana emerge como um dos aspectos importantes das narrativas veiguianas. Segundo esse autor, J. J. Veiga “encrava situações de estranheza em contexto familiar, que evoca discretamente costumes e cenas regionais” (BOSI, 1975, p.20). O ambiente interiorano no conto é o espaço distante do progresso industrial, do qual as pessoas simples do lugar não têm conhecimento.

No conto em análise, Veiga consegue manter no leitor uma sensação de mistério e estranheza, pois no decorrer da leitura, não temos nenhum indício acerca do tipo de máquina descrita pelo narrador. Pode-se constatar no trecho que segue, as situações estranhas manifestadas pelos personagens como os primeiros indícios do fantástico no texto:

Ninguém passa pelo largo sem ainda parar diante da máquina, e de cada vez há um detalhe novo a notar. Até as velhinhas de igreja, que passam de madrugada e de noitinha, tossindo e rezando, viram o rosto para o lado da máquina e fazem uma curvatura discreta, só faltam se benzer. (VEIGA, 2008, p.91).

Nesse sentido, o estranhamento do conto é provocado pelo comportamento um tanto inusitado (totêmico?) dos habitantes que se curvam diante da máquina em sinal de adoração, fato que destoia da realidade, visto que o narrador explicita a inoperância do objeto. Assim,

220

essas situações quebram a ordem da normalidade e apresentam o exagero como extraordinário, caracterizando assim o fantástico no texto. Vale, no entanto, resaltar que o efeito fantástico em “A máquina extraviada” não resulta na aparição de elementos sobrenaturais, mas do fascínio das pessoas pelo objeto, visto que são situações absurdas e incomuns de serem encontradas. Esse fantástico que beira ao estranho e ao absurdo apresenta-se com mais frequência no conto brasileiro contemporâneo.

Nessa perspectiva, pode-se definir o conto “A máquina extraviada” como pertencente ao fantástico estranho. Sobre esse aspecto, Todorov (2007, p.52) aponta que:

Nas obras que pertencem a este gênero, relatam-se acontecimentos que podem perfeitamente ser explicados pelas leis da razão, mais que são, de uma maneira ou de outra, incríveis, extraordinários, chocantes, singulares, inquietantes, insólitos [...].

Em relação às leis da razão citadas pelo autor, temos como exemplo o fato de ali está uma máquina, deixada por caminhoneiros, ou seja, a máquina não surgiu do acaso; para os personagens, trata-se de um acontecimento singular, inquietante, insólito. Fascinados com a presença da misteriosa engenhoca, os moradores tratam-na com respeito, de modo que todos que passam pela máquina param na frente, a fim admirá-la. As festas e solenidades passam a ser comemoradas à frente dela. De fato, ela se torna a principal atração e objeto de cobiça de outras regiões vizinhas, mas o prefeito da cidade, que não se deixa levar pelas inúmeras propostas dos visitantes, tratou logo de designar um funcionário para cuidá-la, de modo a transformá-la numa espécie de patrimônio. A cidade tem sua rotina modificada, desde as crianças, os idosos, os políticos e até os homens brutos com fama de valentes passam a venerá-la. Isso pode ser comprovado no seguinte trecho em que o narrador nos coloca diante do comportamento exagerado dos personagens frente ao artefato:

Em todas as datas cívicas a máquina é agora uma parte importante das festividades. Você se lembra que antigamente os feriados eram comemorados no coreto ou no campo de futebol, mas hoje tudo se passa ao pé da máquina. Em tempo de eleição todos os candidatos querem fazer seus comícios à sombra dela, e como isso não é possível, alguém tem de sobrar, nem todos se conformam e sempre surgem

conflitos. Mas felizmente a máquina ainda não foi danificada nesses esparramos [...] (VEIGA, 2008, p.93).

O acontecimento insólito presente nesse episódio mostra-nos o quanto a máquina tornou-se objeto capaz de fascinar todos a sua volta. Entre uma atração e outra, os moradores temem que a máquina seja deteriorada (“felizmente a máquina não foi danificada”), pois esta despertou o interesse dos políticos, já que todos querem realizar os comícios em torno dela. A personificação da máquina, por outro lado, acaba por destituir o caráter de mistério e temor que a caracteriza logo da sua chegada à cidadezinha.

Apesar de todo o cuidado dos moradores da cidade, houve um acidente envolvendo a máquina, cujo culpado, segundo o narrador, foi um caixeiro e, por tal descuido, recebeu como castigo a incumbência de cuidar do objeto venerado:

Até agora o único acidente de certa gravidade que tivemos foi quando um caixeiro da loja do velho Adudes [...] prendeu a perna numa engrenagem da máquina, isso por culpa dele mesmo. O rapaz andou bebendo em uma serenata, e em vez de ir para casa achou de dormir em cima da máquina. Não se sabe como, ele subiu à plataforma mais alta, de madrugada rolou de lá, caiu em cima de uma engrenagem e com o peso acionou as rodas. Os gritos acordaram a cidade, correu gente para verificar a causa, foi preciso arranjar uns barrotes e labancas para desandar as rodas que estavam mordendo a perna do rapaz. Também dessa vez a máquina nada sofreu, felizmente. Sem a perna e sem o emprego, o imprudente rapaz ajuda na conservação da máquina, cuidando das partes mais baixas. (VEIGA, 2008, p.94).

Nesse fragmento, percebemos o quanto a figura humana é desvalorizada perante o objeto adorado, pois ao perder a perna no trágico acidente o caixeiro foi designado a cuidar da máquina como consequência de sua atitude imprudente. Dessa maneira, o absurdo apresentado nos trechos desperta no leitor uma sensação de dúvida e estranheza.

Para que esse efeito do fantástico se instaure, é preciso a participação ativa do leitor, pois este tem de perceber que algo na narrativa foge daquilo que é considerado habitual e corriqueiro. Nesse sentido, o narrador conduz o leitor a vivenciar os conflitos do enredo, de modo a acompanhá-los e neles enredar-se. De acordo com Adorno (2003, p.60), “o narrador

ergue uma cortina e o leitor deve participar do que acontece como se estivesse presente em carne e osso”.

O narrador, embora não participe diretamente dos acontecimentos, deixa escapar, em algum momento, seu encantamento pela máquina, desejando que ela fique ali, bem conservada. Confessa ao compadre o orgulho que a máquina representa para a cidade, mas teme uma possível perda do objeto. Pode-se constatar essa preocupação do narrador nos seguintes trechos:

Estamos tão habituados com a presença da máquina ali no largo, que se um dia ela desabasse, ou se alguém de outra cidade viesse buscá-la, provando com documentos que tinha direito, eu nem sei o que aconteceria, nem quero pensar. Ela é o nosso orgulho, e não pense que exagero. Ainda não sabemos para que ela serve, mas isso já não tem maior importância. (VEIGA, 2008, p. 92).

O meu receio é que, quando menos esperarmos desembarque aqui um moço de fora, desses despachados, que entendem de tudo, olhe a máquina por fora, por dentro, pense um pouco e comece a explicar a finalidade dela, e pra mostrar que é habilidoso (eles são sempre muito habilidosos) peça na garagem um jogo de ferramentas, e sem ligar a nossos protestos se meta por baixo da máquina e desande a apertar, martelar, engatar e a máquina comece a trabalhar. Se isso acontecer, estará quebrado o encanto e não existirá mais máquina. (VEIGA, 2008, p.94).

A figura do narrador no conto é um dos principais elementos que reforça a atmosfera fantástica da obra. Desse modo, o narrador de “A máquina extraviada” utiliza uma linguagem simples e direta, bem próxima aos moldes da oralidade (“um moço de fora”, “desande a apertar”, dentre outras passagens), envolvendo-se subjetivamente com os acontecimentos que narra. Referindo-se a essa característica de narrador, Benjamin (1985, p.198) destaca que “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos”.

Com base nos postulados de Benjamin (1985), o narrador exerce o papel de cronista, visto que ele relata de forma espontânea as situações do cotidiano. Nesse sentido, é interessante ressaltar que no início do conto o narrador apenas relata ao compadre, uma espécie de conversa de compadres, o que ele vivenciou, mas aos poucos, vai revelando seu

fascínio pela máquina e, inclusive, declara o medo de que ela seja levada embora da cidade, de modo a concordar com a unanimidade em torno da importância da máquina, a qual ele considerava descabida no começo do relato. Nessa lógica, o fantástico no conto acaba por alinhar diferentes percepções do narrador frente aos fatos da narrativa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conto “A máquina extraviada”, de José. J. Veiga, suscita uma reflexão entre realidade e ficção - dois mundos que se contrapõem e se fundem para causar o estranhamento e a surpresa. A narrativa veiguiana caracteriza-se pela instauração do fantástico que transcende até mesmo o senso comum, haja vista que o fantástico provoca a hesitação e a perplexidade diante das ocorrências incomuns e inusitadas que irrompem o real.

A leitura do conto supracitado permitiu-nos compreender o modo como a narrativa de Veiga se apropria da linguagem simples, sem marcas de uma dado teor rebuscado, transporta-nos para além dos limites do cotidiano, para denunciar a inércia e a falta de conhecimento do homem comum diante dos efeitos inexplicáveis das máquinas, mais precisamente das existências destas. Para isso, o leitor é envolvido em um universo fantástico e ao mesmo tempo estranho, que tem como cenário o espaço de uma pequena cidade do interior diante de uma estranha máquina, com a qual as pessoas ficam fascinadas, mesmo sem saberem qual a sua funcionalidade.

Nesse sentido, vale ressaltar, que o fantástico presente no conto de J. J. Veiga não consiste propriamente na ocorrência de uma ação ou objeto sobrenatural, mas naquilo que está fora do comum, no singular que é gerado pelo comportamento dos personagens perante o objeto desconhecido. Assim, pode-se inferir que Veiga chama a atenção para aquilo que se move e se transforma rapidamente na sociedade contemporânea, a exemplo do voraz avanço industrial e tecnológico. O gênero conto, por sua vez, contribui para esse efeito sensacional. De acordo com Cortázar (2006), o conto é um “organismo que respira e palpita [...] e sua vida consiste — como a nossa — em um núcleo animado inseparável de suas manifestações” (p.123). Os fatos curiosos vivenciados pelos personagens do conto vão deflagrar essa

particularidade do gênero de tornar, nos limites da narrativa, fatos corriqueiros em grandes e intensos acontecimentos.

Esperamos, portanto, que as brevíssimas reflexões suscitadas neste escrito, acerca do conto veiguiano estudado, possam contribuir no sentido de despertar na comunidade acadêmica o interesse pela literatura contemporânea, sobretudo, pela obra de Veiga, a fim de encontrar os possíveis caminhos do fantástico que transcendem os modelos estabelecidos nos contos de fadas e lendas folclóricas e se voltam para questões mais pontuais acerca do homem e da sociedade dita moderna.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Posição do narrador no romance contemporâneo**. Notas de literatura I. Tradução de Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

BENJAMIN, W. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Obras escolhidas**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BOSI, Alfredo (Org.). **O conto brasileiro contemporâneo**. São Paulo: Cultrix, 1975.

CAMPEDELLI, Samira Youssef. Sertão, sertões. In: **José J. Veiga: Literatura Comentada**. São Paulo: Abril, 1982. p.94-97.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. Trad. Davi Arrigucci Jr. João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2006.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. Os inquietantes e insólitos anjos latino-americanos, **A Cor das Letras**, Feira de Santana, n.14, 2015, p.119-138. Disponível em: <http://www.uefs.br/portal/arquivos/cor_das_letras_n.%2015_2014.pdf>. Acesso em: 07. dez. 2015.

GARCIA, Flávio. Tensões entre questões e conceitos na produção de um outro e novo gênero literário: o insólito banalizado. In: CONGRESSO DA ASSEL-III ENLETRARTE, 14, 2007, Campos. **Anais...**Campos: ASSEL-RIO CEFET, 2007.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Objetiva, 2001.

POE, Edgar Allan. Manuscrito encontrado numa garrafa. In: _____. **Histórias extraordinárias**. Trad. Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005. p.30-39.

REZENDE, Irene Severina. **O fantástico no contexto sócio-cultural do século XX: José J. Veiga (Brasil) e Mia Couto (Moçambique)**. 2008. 241f. Tese (Doutorado em Letras) - Setor de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa>> Acesso em: 10 out. 2013.

RODRIGUES, Selma Calasans. **O fantástico**. São Paulo: Ática, 1988.

SOUZA, Agostinho Potenciano de. **Um olhar crítico sobre o nosso tempo: Uma leitura da obra de José J. Veiga**. 1987. 174f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Setor de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1987. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document>> Acesso em: 15 out. 2013.

SHWARTZ, Jorge. **Murilo Rubião: a poética do uroboro**. São Paulo: Ática, 1981.

TODOROV, Tzvetan. Definição do fantástico. In: **Introdução à literatura fantástica**. Tradução de Maria Clara Correa Castelo. São Paulo: Perspectiva, 2007. p.29-46.

VEIGA, José Jacinto. A Máquina Extraviada. In: _____. **A Estranha Máquina Extraviada**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p.90-94.

Michelle da Silva LIMA

Graduanda em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação São Judas Tadeu (ISESJT). Graduada em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Especialista em Supervisão e Orientação Educacional pelo Instituto Superior de Educação de Cajazeiras (ISEC). Atualmente é Gestora Escolar da Escola Municipal Josefa Olindina da Conceição em Riacho dos Cavalos na Paraíba. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Língua Portuguesa, Administração Educacional.

Francisco Vieira da SILVA

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Especialista em Ciências da Linguagem aplicadas à Educação a Distância (CLEAD) pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduado em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA), Campus de Caraúbas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atua, principalmente, nas seguintes temáticas: Análise do Discurso, mídia e discurso, construção de identidades, bem como a formação de professores numa perspectiva discursiva.

Recebido em dezembro/2015 - Aceito em dezembro/2016